

NARRAR... UMA OUTRA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA?

SILVARES, Ana Paula da Rocha¹

PAIVA, Jair Miranda de²

Resumo

Neste registro, pretendemos pensar como o narrar pode se tornar um caminho para o fazer investigativo com outros. Dialogaremos com o conceito de narrar que Walter Benjamin apresenta-nos em textos como “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e passaremos a organizar e dar atenção a narrativa como uma trilha, um percurso que se faz quando o que se pretende é registrar os acontecimentos e afetos que vivemos nas e com as aulas de filosofia em São Mateus, ES, quando nos encontramos com as crianças e os professores nas escolas. Em suma, investigaremos o narrar no contexto da metodologia da pesquisa o que nos convida a dialogar com autores como Gil, Lakatos e Marconi numa tentativa de percorrer a estrada ladrilhada pelas normas acadêmicas com a intensão de construir... inventar caminhos para nossa pesquisa. É possível que o narrar seja um convite à construção, um chamamento a invenção de caminhos ao invés de apenas percorrer as estradas já pavimentadas e estabelecidas por outros?

Palavras-chave: Narrar. Experiência. Metodologia da pesquisa.

Contar de novo e outra vez... um início?

*“Conta de novo, tia!”...
“Você conta aquela de novo?”...
“Eu posso contar outra vez, tia?”...*

O convite insistente, por todo período letivo do ano de 2016, vem de João³, uma criança de 03 anos (e seus colegas fazem coro com ela). Nos pátios do Centro de Educação Infantil Paulo Freire – uma escola onde as crianças entre os 02 e 05 anos de idade se encontram para aprender juntas, umas com as outras – no município de São Mateus, ES, os intervalos para o lanche são nosso ponto de encontro e, ao terminarmos a merenda naquele instante, antes de retornarmos às salas de aula, a persistência de um pedido é a convocação que ecoa até aqui.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Ceunes, UFES. E-mail: anapaula.silvares@hotmail.com

² Doutor em Educação, docente no do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Ceunes, UFES. E-mail: jmipaiva@gmail.com

³ Nome fictício garantindo o anonimato do sujeito envolvido no diálogo.

Aceitamos a solicitação (nós todos... crianças e adultos) e, por todo esse período, ao repetir uma experiência e dizê-la novamente, uma força criadora é evocada... Contar de novo e outra vez... contar pensando... perguntando... O que pode o repetir(-se)? Há uma potência no dizer(-se) novamente? Que experiências são comunicáveis em uma pesquisa acadêmica? São as interrogações que solicitam essa escrita... são as perguntas que continuamente nos convidam a pensar os caminhos de uma pesquisa com os sujeitos da/e/na escola.

Nos trajetos de uma investigação construída com alunos e professores (crianças e adultos) nas escolas mateenses estamos a pensar os acontecimentos e afetos a que somos expostos nos encontros das “aulas de filosofia” e em como registrar essa experiência quase cotidiana sem deformar *o que nos passa, o que nos acontece, o que nos afeta* (LARROSA, 2020. p.18). Pensamos no encontro com os outros e conosco, com as suas memórias e as nossas, romper com as convicções e resistir a estilos que contêm regras impostas... interrogar os modos estabelecidos e enrijecidos de uma pesquisa *Academicida*.

Academicida é uma dessas palavras que, ao pensarmos com Kohan (2016), passamos a registrar como sendo um saber investigativo em que a “excessiva burocratização e exigência produtivista” asfixia o tempo da alegria e a força da vida que se tem no embrutecer e alienar de uma política da diferenciação que ao hierarquizar, privilegia uns poucos negligenciando uns tantos. Sendo assim, assumimos o compromisso de uma experiência narrativa em cujo percurso renunciamos às (des-)vantagens da produção e as limitações dos resultados tão desejados e perseguidos por alguns perfis de pesquisas que estabelecem certezas.

Porque pensamos com Walter Benjamin (2017) que... “A construção da vida passa neste momento muito mais pela força dos fatos do que pelas convicções. Concretamente, de fatos que quase nunca e em lugar algum chegaram a transformar-se em fundamento de convicções” que escolhemos o narrar para dizer da escola, daquilo que vivemos nela. Uma experiência com o narrar como um caminho possível para cuidar de uma pesquisa com os outros... e dessa forma, abrimos mão das nossas certezas para continuarmos das infâncias que vivemos e do que elas afirmam, potencializam, intensificam e nos convocam a pensar, nos pensar...

Em tais circunstâncias, passamos a dar atenção aos cuidados que se deve ter na construção de uma investigação com crianças e adultos na escola, levando em consideração os registros que o corpo é capaz de realizar pensando, falando e

escrevendo memórias e vivências na potência do encontro com outros no *espaçotempo* do aprender.

1. Pela estrada a fora...

“Poderia me dizer, por favor, qual caminho devo tomar para ir sair daqui?”
“Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato.
“Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice.
“Então não importa que caminho que você escolha”, disse o Gato.
“... contanto que dê em algum lugar”, Alice completou.
“Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante”
(Lewis Carroll, 2002. p.59).

A pesquisa definida por Gil (2002) como “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos”, nos convida a dar atenção aos significados das palavras como uma forma de cuidar da investigação com outros. Se pensarmos *procedimento*, inicialmente veremos que, é uma palavra oriunda do Latim *procedere*, que quer dizer “dar origem, agir, ir para frente, avançar, alongar-se” (DELGADO, RODRIGUEZ e LIMA, 2016), o que nos possibilita inferir que a pesquisa é um espaço e tempo em que o pensar é organizado de forma clara e precisa num buscar e obter respostas às questões que nos são colocadas (ou que nos colocamos) quando nos propomos pensar o mundo, a vida, as pessoas. Avançando um pouco mais, precisaremos um significado que segundo os mesmos estudiosos é mais atual e traduz a palavra procedimento como *um método*, *um processo*, um mover-se de forma ordenada, ou seja, um caminho que se toma a partir de um pensar organizado por normas e regras previamente estabelecidas com o objetivo de encontrar as respostas para a pergunta que se faz referente a determinado assunto.

A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (GIL, 2002, p. 17).

Quais as exigências de uma pesquisa que deseja registrar os afetos dos encontros que se tem com outros? Como desenvolver uma investigação em cujo trajeto se deseja dizer do que é feito em nós e o que fazemos com o que nos é feito quando estamos em uma aula de filosofia com crianças? É possível que nosso

exercício investigativo se ocupe de uma busca por problemas referentes também à metodologia?

Desse modo, Lakatos e Marconi (1991; 2003) nos permitem pensar que a metodologia é o espaço num projeto em que nos perguntamos o como e o que fazer... por onde precisamos passar para que algo se concretize em relação à investigação... com quem devemos dialogar para que tudo se concretize... é também um tempo em que as etapas da pesquisa tomam corpo... é a organização dos passos a que submetemos uma análise, uma observação, o exame da realidade a que nos dedicamos. Para além de uma definição antecipada de caminhos, pensamos tratar-se mais de desenvolver uma disposição que se configura em estrada com pontos estratégicos de paradas e avanços, ora com uma abordagem mais ampla, ora com etapas mais concretas e finalidades mais restritas ao explicar dos fenômenos a que se dedica a ciência de uma pesquisa.

Percebe-se que nessa história de estradas e caminhos há um percurso estreito em que o conhecimento é construído no encontro entre a Academia, a Ciência que nela se produz e o saber em que o popular se dá a conhecer. Pensando assim, a construção de um caminho em estradas pavimentadas nos convida a questionar (nos questionar) o jogo de poder que se impõe na Universidade... um poder que por vezes é ladrilhado no e pelo desprezo ao que não se adequa às verdades e convicções que nela se cultiva, favorecendo e ampliando uma hegemonia que hierarquiza conhecimentos... uma Ciência que nos distancia do mundo, da vida mesmo.

Assim, somos tomados por interrogações a respeito dos procedimentos a serem adotados para que possamos caminhar rumo a outras e novas questões... O diálogo entre Alice e o gato Cheshire indica o perigo e a possibilidade que se tem quando se decide que mais importante que chegar é a possibilidade de ir... o movimentar-se para sair desde que essa disposição te leve a um outro lugar... um *espaçotempo* diferente daquele em que se está.

Quando a metodologia da pesquisa nos fora apresentada como o caminho para o conhecimento percebemos que nos expor ao exercício investigativo na Universidade era uma questão de traçar um rumo para *conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais* (MARCONI e LAKATOS, 2003) e que para isso era urgente organizar os pensamentos sobre os fatos existentes na intenção de que novos e outros surgissem diante de nós, o que nos levou a assumir que há várias formas de caminhar e entre essas desejavamos o trajeto que nos afastasse do caminho

idealizado na eliminação da história viva do pensar... nos distancia desse percurso em linha reta, traçado por regras e normas estabelecidas na produção e conferência de resultados fabricados (NAJMANOVICH, 2003).

Com isso, apesar de Gil (2002) afirmar que as regras para projetar uma pesquisa são flexíveis e determinadas pelo tipo de problema que levantamos em nosso querer pensar e projetar os movimentos da investigação, sentimos na prática que o exercício de organização das etapas e recursos para que a experiência investigativa se desenvolva e as metas traçadas sejam alcançadas é na verdade um detalhamento por vezes angustiante e intimidador... realmente necessário?

Um pouco de atenção e nos parece aquela *experiência* a que Walter Benjamin no livro Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação (2009) nos alerta como condição da adultice... como a máscara, o disfarce do incrédulo, bem-intencionado e esclarecido. A *experiência* como o tempo daqueles que já viveram tudo e que não vê mais nada o que descobrir, nada mais o que sentir... Um tempo que não convida à aventura... Condição de quem é enganado pela ideia do acabado, por convicções e crenças em verdades absolutas e fundamentadas em ensaios, práticas e provas adquiridas.

Acompanhados de insistências que nos desassossegam, em nossos inícios ouvíamos sempre... “Construa um caminho!”; “Os trajetos de uma pesquisa precisam ser claros.”; “Não há pesquisa se os passos a serem dados não estiverem precisos de antemão...” – eram as vozes da Academia em variados tempos e tons. Procedimentos, técnicas, instrumentos... está tudo organizado, estabelecido, dado com antecipação. Nos basta ler, apreender e escolher o que melhor se encaixa em nosso agir pesquisador. Dessa forma, nos encontramos pensando se precisamos percorrer estradas pavimentadas previamente por outros e em como este movimento se configura em uma construção de caminho...

Contar de novo e outra vez seria construir estradas onde elas existem? Narrar é viver o mesmo caminho sempre e repetidamente? Foi a esse fazer que a infância na escola nos convidara com João e seus amigos? Caminhar em estradas edificadas por outros nos possibilita construir um percurso que nos seja favorável? De interrogação em interrogação estamos a aprender desde cedo que o iniciar de uma pesquisa acadêmica – e sua continuidade – envolve um exercício de desconstrução... exige um retirar-se para as margens dos caminhos ladrilhados e ali, nas beiras,

retomar trilhas ocultas ou mesmo envolver-se em criar, inventar aquelas que te permitem caminhar percursos outros... novos.

Podemos caminhar por estradas construídas por outros sem que nosso fazer contribua com a construção de percursos e com a descoberta ou invenção de estradas outras. Ou ainda (e a essa desejamos), envolver-nos e com as nossas experiências, com os acontecimentos e afetos com que vamos vivendo a vida e assim, irmos abrindo clareiras, desenhando as trilhas, os espaços por onde passamos inventando, construindo e descobrindo a nós e aos outros.

2. Construir caminhos é se retirar da estrada?

*Depois de muito tempo ele se lembrou de procurar uma fonte
Mas o sol tinha secado todas as fontes.
Ele perscrutou o horizonte
E viu que a estrada ia além, muito além de todas as coisas.
[...]*

*E o homem se lembrou dos outros caminhos.
(Vinícius de Moraes, 2008).*

“Eu posso contar outra vez, tia?”... é uma das perguntas que expõem nossa experiência com o cotidiano da escola. Expõe a experiência de uma infância que quer *saberviver* algo que talvez não nos seja extraordinário. Apenas um exercício curioso sem equivalentes... prática que desejamos para o nosso *viverpesquisa* quando nos expomos aos acontecimentos e afetos de um lugar... de um tempo... de um corpo e sua infância... podemos falar que é um desejo de dizer com tinta e papel... registrar com as mãos as memórias do encantamento a que uma disposição sensível, no contato com os indivíduos e os coletivos educacionais, nos convida... É uma tentativa de procurar e ir além... buscar e lembrar de outros e possíveis caminhos a serem trilhados, construídos, inventados.

Então, como dizer da experiência de se encontrar com os outros e o aprender que esses encontros possibilitam? Como comunicar a potência dos encontros que se tem com os outros e consigo numa roda de conversa investigativa? Há um ensinar potente numa conversa que revista e novamente escutada, nos deixa suspensos. Assim, nos diálogos a que nos convocam as infâncias é que interrogamos as nossas práticas... toda e a cada vez que nos voltamos para as memórias das conversas que temos com os infantes e nos percebemos repetindo-nos – sempre diferentes – assumimos o perguntar como um exercício de viver a nossa presença (e vida) nesse

percurso que não se relaciona com o conhecimento, mas com a palavra... que questiona... investiga e narra.

A narrativa, nos diz Walter Benjamin (1994, p. 204), “conserva as suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. Pensamos o narrar, então, como um caminho que a memória nos convida a percorrer mais uma e outra vez. Seria um retornar aos lugares e aos tempos, às memórias do que vivemos, arriscando-nos nas mudanças de sentido que se revelam para nós nos trajetos.

A intervenção das crianças inventando e acrescentando sons, vozes, gestos modifica as memórias que temos do enredo original na mesma medida que indica o quão bom é (ou não) as nossas transgressões. Com isso, o contar a que nos dedicamos é aquele que, ao se distanciar da imediatez dos acontecimentos, conserva a sua potência naquilo que nos toca e nos desloca do lugar comum na intensidade de um presente contínuo.

Uma metodologia da conversa é esta do narrar... um caminho para o viver investigativo com os outros. Um percurso em que brincar com as palavras nos permite alterar a cronologia dos fatos e não se ocupar de sucessões e previsões. Uma invenção de caminhos que tem no dialogar investigativo o procedimento a que nos expomos e assumimos o nosso *compromisso de investigar com e não sobre o outro* (RIBEIRO; SOUZA E SAMPAIO, 2018). O que nos...

[...] implica assumir, ética e politicamente, o fazer investigativo como uma (inter)ação compartilhada, compreendendo os sujeitos da educação como produtores de saberes pedagógicos e modos de se relacionar e habitar o educativo (RIBEIRO; SOUZA E SAMPAIO, 2018. p.175).

Desse modo, podemos dizer que nossa relação *dialógicoinvestigativa* se dá na partilha da palavra, a partir de discussões e conversações investigativas com crianças e adultos; alunos e professores; aprendizes e ensinantes em rodas de conversas; nos encontros de filosofia com infâncias nas escolas de nossas transformações – salas de aula presenciais, ambientes on-line de ensino-aprendizagem.

Encontros (e desencontros) que tornam possível investigar, problematizar e narrar as docências inventadas nas experiências de pensamento, nas aulas da filosofia para e com crianças em São Mateus, ES. Encontros onde apresentar, defender, elogiar e inventar escola é um ato solidário de investigação em um

questionar coletivo, cooperativo e que exige um encontro direto entre os sujeitos desse exercício-investigativo nos espaços dos acontecimentos (GONSALVES, 2011).

Como uma experiência de linguagem e com a palavra o narrar nos possibilita fugir da exposição de uma verdade, ou mesmo, do estabelecer uma realidade. Com esta prática como percurso da pesquisa desejamos uma troca de experiências e afetos. Pensamos na narração do que nos acontece, do que nos passa quando estamos com as crianças (e os adultos) como uma relação desenvolvida de modo recíproco. Dessa forma, não cabe a nossa prática o informar um saber que se esclarece em uma pesquisa. Informar exige uma verificação imediata, é cheio de explicações e só tem valor no momento que é novo. A narrativa, ao contrário, não se entrega ao momento, ela evita explicações, o que confere uma certa liberdade para interpretar os acontecimentos expostos e sobre eles problematizar e iniciar um outro (e novo) narrar.

Uma liberdade que acontece no que nos toca e no que nos passa... nos afetos que, mesmo após registros, provocam e convidam (a quem escreve e a quem lê) a uma busca pelo momento em que as experiências se estendem no tempo e no espaço... que se alongam e persistem em nós (e nos outros) a ponto de serem urgentes a sua comunicação. Um chamamento a pensar que viver pacificamente o cotidiano da pesquisa como algo que nos é dado, que nos é estabelecido é o suficiente para a destruição do que desejamos viver... a experiência cuja condição é a infância. [...] *a infância como símbolo da afirmação, figura do novo, espaço de liberdade. [...] condição de rupturas, experiência de transformação e sentido das metamorfoses de qualquer ser humano* (KOHAN, 2011. p.116 e 246)... A experiência como a diferença entre o dado e o aprendido...

Uma experiência que coloca em questão a *adultice* de um procedimento onde quer que ela queira se instalar. Desejamos uma experiência que não está limitada a ensaios, práticas ou provas, antes se alonga no cultivo da atenção que convoca o olhar para as *coisas que não levam a nada, para o desútil e sem grande importância* (BARROS, 2010)... *coisas sem préstimos* que exigem uma suspensão do automatismo da ação e requer um gesto de interrupção, um parar e estar presente, um demorar-se no encontro com os outros e consigo (LAROSSA, 2020) numa coragem e sentido de viver aquilo que não pode ser experimentado (BENJAMIN, 2009)... o imprevisto, o acaso, os afetos e acontecimentos a que nenhum ensaio,

experimentação e automatismos de uma prática é capaz de precisar... lembranças de uma procura que já não é a mesma, de caminhos que se fazem outros.

3. Ainda estamos indo...

A pesquisa nasce de uma pergunta – afirma Lakatos e Marconi (2003); também Gil (2002). A nossa é persistentemente gerada nas questões que crianças e adultos se fazem quando se encontram para pensar juntos. A pergunta é para nossa investigação uma trilha que se inventa caminho no encontrar-se com os sujeitos da/e/na escola... Pensamos então, que nosso fazer está mais para o viver a experiência e envolver-nos no acontecer e afetar a que nos convida os diálogos com os outros... no conversar com... e na atenção que damos às nossas questões e àquelas a que somos expostos quando estamos juntos.

Narrar, então, é um caminho em que a possibilidade de problematizar o que está posto é uma disposição a que nos expomos para ouvir novamente o que foi dito e escutar o que nos passou despercebido; é uma (outra) chance de interrogar o que se vive, o que se faz... questionar os modelos impostos como estrutura a ser habitada e investigar com as crianças, com os sujeitos da e na escola os sons, as vozes, os gestos que a metamorfoseiam e nos modificam.

Vivemos o narrar como um movimento, um deslocar que nos remete a uma potência singular, a uma força, a um afeto nunca antes percebido, vivido; experiência em que não há equivalente. Uma provocação a construir caminhos caminhando... inventar trajetos com o próprio corpo e seus afetos. Como um voltar a pensar os acontecimentos e o que nos desassossega em nossas memórias do aprender e ensinar. Não retornamos para o mesmo, mas para um outro... para o novo que nos é revelado, que é inventado e nos arrebatava a cada vez. Não estamos a refazer o passado ou mesmo a reproduzir as lembranças de uma época e/ou dos sujeitos (não é isso). Repetimos não para afirmar as semelhanças e confirmar as correspondências, tampouco para estabelecer verdades. Daqui repetimos para nos encontrar e encontrar a potência das diferenças que surgem e que nos provocam o perguntar, que nos convidam a investigar... um arriscar-nos nas interrogações que povoam nosso pensar e viver escola...

Para continuar, estamos persistindo em narrar os afetos e movimentos que a filosofia para e com crianças nos ocasionou, conectando memórias e experiências diversas e de diferentes tempos na intenção de rascunhar os mapas dos caminhos

que tornam possíveis a invenção de uma realidade infante no cerne da estrutura escolar.

4. Referências

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. “**Obras Escolhidas Volume – I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”. Walter Benjamin tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7º edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2009.

_____. **Rua de mão única: Infância berlinense: 1900**. Edição e tradução João Barrento. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Editora Arara Azul: eBooksBrasil.com, 2002. Disponível em: www.ebooksbrasil.org acesso: nov.2020.

DELGADO, Robson da Silva; RODRIGUEZ, Arthur Fernandes Guimarães e LIMA, e Rafael Alves. **Etimologia jurídica**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/46600/etimologia-juridica> Acesso em: 16.jul. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed., São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. A política e a amizade... in: CALLAI, Cristina; RIBETTO, Anelice (org). **Uma escrita acadêmica outra**. Ensaios, experiências e invenções. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. P 46-56.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed., São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Metodologia científica**. 2.ed., São Paulo: Atlas, 1991.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MORAES, Vinicius de. **O caminho para a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. In: GARGIA, Regina Leite (org.). **Método; Métodos; Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

PROCEDIMENTO. In: **MICHAELIS** moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=RQ5xR> Acesso em: 16.jul. 2021.

RIBEIRO, Thiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.